

REPORTAGEM

DIRECTOR
REYNALDO FERREIRA
(REPORTER X)



ERA UMA AGUIA DOURADA
GOVERNADA POR DOCTORES,
EM DIA FOI «ARROLADA»
«STA NA CASA DE PENHORES»

LER NESTE NÚMERO: — Homens & Factos do dia — O caso Mundial-Plácido — As proezas aventurosas do Mosqueteiro do Ar — No coração do Brazil — Virtudes modernas (o caso do Aguiã d'Ouro) Gafados e Gafarias — ; ; Arte defurtar — As aventuras e imoralidades do Dr. S..., etc., etc. : :

Espectáculos

— de LISBOA —

TEATROS

- Teatro Nacional** — O grandioso êxito «Fascinação».
- Politeama** — Continua com imenso êxito, a formidável revista «Aéreas de Portugal».
- Avenida** — «Um conto de reis», grande êxito da Companhia Maria Matos.
- Variedades** — Últimas representações da já célebre peça, «Desculpa, O' Caetano».
- Trindade** — «Feitiço».
- Maria Victória** — O maior sucesso da actualidade
«O Grande Salvador»

CINEMAS

- S. Luís** — O grande espectáculo da destruição, *Scarface*, o homem da cicatriz.
- Tivoli** — «*Rivais da Pista*». Um espectáculo de ciclismo e cinema.
- Condes** — A deliciosa comédia franceza, «*O Rei dos Palaces*».
- Odéon** — «*Pamplinas Milionário*» com Buster Keaton e Anita Page.
- Palácio** — «*Pamplinas Milionário*»
- Olimpia** — «*Pat e Patachon Inventores*».
- Cine Ginásio e Royal** — O grande sucesso da semana «*O Campeão*»
- Lys** — O filme de costumes africanos «*Ingaghi*».

— do PORTO —

- Teatro Sá da Bandeira** — Continua todos os dias o grandioso êxito da já celebrada revista «*O Mexilhão*», com os actores Estevão Amarante e Beatriz Costa.
- Teatro Carlos Alberto** — A festajada peça de costumes tripeiros «*A Viela dos Gatos*»
- S. João-Cine** — O maior acontecimento cinematográfico
«*Raparigas de Uniforme*»
- Salão Trindade** — «*Fascinação*», um grande sucesso com o novo galã cinematográfico Clark Gable e a talentosa estréla, Joan Crawford.
- Olimpia** — O grande sucesso da temporada, «*Espada Errante*», com Ramon Novarro.
- Batalha** — A super-produção da Paramount, «*Trader Horn*»
- Palacio** — Companhia de Circo.

Pagina
— 2 —

NICOLAU FERRAZ

Espanha, França, Brazil e América do Norte

PASSAPORTES

AGENTE NO NORTE DA
United States Lines

Telefone, 762

RUA DO LOUREIRO, 60 62 — PORTO

Vinhos Amadeu

Dos melhores

Vinhos do Porto

Já visitou
a varanda
da saúde?

A melhor estancia
de repouso
de Portugal

Os melhores ares
e a melhor alimenta-
ção das casas de
saúde do país

SATISFEITO
VISITE E
FICARÁ

A VARANDA DA SAÚDE
É EM
Louredo da Serra
PAREDES

Quereis dinheiro?

JOGAI NO

G A M A

R. do Amparo, 51
LISBOA

PREÇOS CORRENTES

Pelo correio mais \$80 para
: : : registo : : :
Atende todos os pedidos da
: : : Provincia : : :

Sempre sortes grandes

MACHADO & BRANDÃO

REPRESENTANTES
das afamadas marcas

Mercedes, Minerva e
: : Rosengart : :

A CASA MELHOR SORTIDA
: : EM ACESSÓRIOS : :

Impermeáveis, capas de
: borracha e agasalho :

Rua Sá da Bandeira, 193
PORTO

O presente número do
REPORTER X foi vi-
sado pela Comis-
são de Censura

17 - Dezem-
bro de 0932



reporter. HOMENS

&

FACTOS DO DIA

N.º 109 -- Ano III
SABADO, 17 DE
DEZEMBRO 1932

DIRECTOR-EDITOR
REYNALDO FERREIRA

(REPORTER X)

PROPRIEDADE DE
MERCEDES CAL

RESCRITÓRIOS:
R. SAMPAIO BRUNO, 12
COMP. R. IMPRESSO NAS
O. F. GRÁFICAS
DA C. P. Ed., L. DA
Rua da Boavista 307
P O R T O

As "azas" de Leonardo Vinci

SÃO quatro horas da manhã. Perdi a esperança de vencer a insónia... A chuva chicoteia, furiosa, a janela do meu quarto; e a ventania, aos guinchos, ritmando a violência da chuva, parece comanda-la e gritar-lhe: «mais forte! mais forte!»

Por momentos fitando as vidraças, encortinadas pela água, tenho a impressão que a tempestade me espreita, que quer entrar, que sacode a janela com punhos epilepticos—que... procura, ajitivamente, abrigar-se... fugir de si própria... E sorrindo a essa ideia comparo a intemperie, a certas almas alucinadas que andam sempre perseguidas pelos incêndios que elas próprias semeiam e asopram...

Busco um livro para me afogar ás durezas esfalfantes da espertina... Folhei-o ao acaso—e deparo logo com esta frase:

«A grande ave começará a voar, enchendo o mundo de espanto, enchendo todos os livros com o seu nome imortal; e uma glória eterna cobrirá o ninho onde nasceu!»

A frase, datada de 1499, pertence a uma fôlha do diário íntimo de Leonardo Vinci, o pintor divino de Lisa Gioconda—é o livro onde a encontro—lido e relido com emoção ao longo de tantas madrugadas mais belas do que a de hoje, intitula-se a «Resurreição dos Deuses» de Dmitri Me-rejkowsky.

... Seria do nervosismo da insónia? Seria da orquestração apocalíptica da tempestade—porque as grandes tempestades praticam a magia de nos revelar os segredos da Eternidade, infantilizando-nos a alma e assustando-a, como se assustam as crianças?—Não sei! Sei sim que todo o mal estar, as mil subtis angustias que dilatavam a esperitina—sem causa, sem objectivo—crauram-se, como punhais de martirio, naquela frase de Leonardo

Vinci. Senti então apossar-se de mim,

uma amarga mas suave melancolia, feita com todas as minhas tristezas, desilusões, saúdades das próprias saúdades extintas e que eram, ao mesmo tempo, reflexo vivo, na morbe sensibilidade, das tristezas e das desilusões que tornaram a existência do desditoso florentino num constante poente—mesmo nas auroras bo-reais da sua glória...

Venci sofria a angústia eterna da insatisfação... Ansiava o sol—e não alcançava o sol... E se sôbre as suas telas pesava uma fatalidade constante que os vandalisava antes de as terminar—sôbre todos os seus sonhos de homem, de artista e de sábio a mesma maldição pairou até que a morte o veio libertar...

O maior de todos os seus sonhos era vasto e elevado como o seu coração; era... o espaço infinito; era poder voar... voar! E nessa ansia de vôo, simbolo de tôdas as suas aspirações de artista genial a de homem generoso e bom, queimou êle a mocidade, a vida, atravez de todos os sacrificios—atê os mais dolorosos; provocando maldições, ódios, despeitos e despezos e as suspeitas da Inquisição. Perdeu noites sem conta; anos sem fim, mergulhado no mistério das ciências ou estuando os movimentos arosos das andorinhas e das pombas, que crusavam o céu. Queria copiar-lhes as azas, humanisá-las graças à matemática e à mecânica. Dez «máquinas de voar» consuruiu; dez fortunas, gastou; dez desilusões sofreu—e nunca abdicou da sua fé, mesmo quando descreu de si próprio... «O Homem há de voar um dia! E nesse dia novos horizontes se rasgam para bem da Humanidade!»

Não foi êle—o homem que conseguiu voar! Mas o seu sonho, não morreu! O seu fracasso perdurou atravez os séculos, tão vivo, tão forte, como o sorriso da sua Gioconda, como glória do seu nome! E a partir da sua morte, em tôdas as gerações, surgia alguém sôbre cuja alma o seu sonho pousava, criava raízes, obsecava! E por fim—quatro

séculos volvidos, a sua profecia realisou-se; um homem voou!

Se os mortos assistem, lá'das regiões do Eter, ao espectáculo da vida—; se Leonardo Vinci pode ver a materialisação de um sonho—que gloriosa melancolia a da sua alma liberal! Porque está escrito, entre os dogmas humanos, que aqueles que tudo sacrificam por uma obra, por um sonho, aqueles que tornam possível, êsse sonho, sem o realisarem, mas sacrificando-se generosamente a brocar a muralha blindada que separa a fantasia inverosimil da aceitação, firme e forte, da hipótese da sua realidade—êsses nunca cobrem os pontos do seu sacrificio... São sempre outros. E para que o martirio atinja o paradoxo, como da dor—nem sequer, muitas vezes, lhe é permitido vêr a victória alheia de seu sacrificio—porque essa victória já resplende após a sua morte.

Todos nós acalentamos e nos sacrificamos, ao longo da vida, pelo sonho das nossas azas! Na nossa alma palpita sempre a ansia dum vôo glorioso! E nunca o realizamos! E é sempre outro que nos rouba essa glória...

E eis porque, nesta madrugada d'insónia, a tristeza de Vinci entristeceu minh'alma! E' que me chegou a saúdade das azas que criei com tanto amor, que são minhas—e que outros, imerecidamente levam, no vôo que eu sonhava—muito alto, a roçar pelas estrelas, nas fronteiras do Reino de Deus...

Reporter X

Restaurante Escondidinho

De todos o mais caro

De todos o melhor

Secção Cinematográfica

Vão congratular-se os nossos leitores, sobretudo aqueles que tanto tem insistido, pela criação cinegráfica.

Reporter X, no intuito de oferecer uma leitura cada vez mais variada e agradável, iniciará no próximo número a publicação duma página dedicada ao cinema, sob a direcção do nosso camarada de redacção Orlando Nascimento.

AS AVENTURAS e IMORALIDADES do DR. S...

Um conto de Edgar Põe ou uma realidade fantástica

DR. S... pode ser, se quiserem, qualquer conto misterioso de Edgar Põe.

Passa-se a ação no local e no tempo escolhidos pela fantasia do leitor.

Na Cochinchina ou na Estônia, num bairro de Paris ou em plena civilização neoyorkina, nas terras próximas ou longínquas, desde que se coloque o Dr. S... como «Truster» poderoso e activo.

Eis a história:

Dr. S... viveu 12 anos de vida feliz na intimidade de uma senhora, D. Amélia Soares, por exemplo.

Um «menager» irregular, conseguido através uma conquista paciente, e talvez um pouco fácil, porque Amélia Soares era empregada da Companhia do Dr. S.

Sexagenário, egoísta, ambicioso e pouco escrupuloso, tem a psicologia especial dos homens que a fortuna tornou notados, que já são grandes mas que querem ser maiores ainda...

Ser donos do mundo é o seu grande sonho.

Habitados a satisfazer caprichos, fazem do mundo um balcão, onde compram todos os seus prazeres.

Honra e dignidade valem apenas umas moedas...

D. Amélia Soares não fugiu à regra. Mulher apeteçada pelos lambareiros 60 e tantos anos do Dr. S... foi comprada, e vendida esteve durante 12 longos anos.

Inexperiente, romântica, ciosa de afectos e de amparo, viveu esse tempo todo, confiadamente, numa cegueira de dedicação pelo seu homem...

O Dr. S... era para ela o único futuro sonhado e possível.

No seu subconsciente morava o dever da dedicação, porque o destino assim lhe talhara a vida...

E a dedicação era tanta que o Dr. S... dela fizera sua confidente, enquanto duraram os seus arrebatamentos amorosos. Como todo o homem que maneja cifras e congemma planos de maquiavélica exploração, o Dr. S... precisava de repartir com alguém os seus remorsos e

preocupações. D. Amélia Soares é um cofre curioso onde estão guardados muitos planos e acções do Dr. S...

E' um assunto que ficará para mais tarde.

O que se teria passado entre os dois amantes em 12 anos de intimidade!...

—Sabe-se lá!... Sabe-se lá!...

A vida corria no engano lèdo dessa pobre mulher, uma sonâmbula de amor como Soror Mariana...



«CONSUMATUM EST»

E foi lavar as mãos tranquilamente

Certo dia, certa noite, com rodeios de mimalhice, D. Amélia Soares enrodilhando e mordendo um lenço, diz-lhe um segredo.

—O quê?... E' lá possível!... brada assustado o Dr. S...

Fôra possível, fôra.—Um descuido, um deslize e a coisa aconteceu:

—D. Amélia estava grávida.

E enquanto ela sorri, feliz e contente por ver seu sangue repartido, o Dr. S... mudo de medo e de pasmo, cogita qualquer coisa.

E D. Amélia Soares fala-lhe do filho, da sua alegria, da sua risonha casinha, do seu futuro, vendo já o pequenito a gatinhar, brincalhão e esperto, mimalho e feliz engraçado e bonito, a balbuciar isto:

—Ma...ma... quê o vê o pa...pá...

E o Dr. S. abisma-se, enregela-se com esta mimalhice...

Calculista enfileira os perigos des-

ta paternidade tardia... Mas é preciso cautela, é preciso sobretudo entorpecer este amor à maternidade que se vai despertando em D. Amélia Soares...

O Dr. S. vive dias de fortuna... Certa ocasião em que todos o supõe em Baden o telefone retine...

—Está... E's tu Amélia?... Sim sou eu... Podias chegar ao Consultório...

E a pobre vítima foi.. Representa-se então um drama conhecido... Promessas de infindo amor... um arrufo que passou... é preciso fazer as pazes... etc. etc., todo o vocabulário barato das peças amorosas do teatro «boulevardier».

Por fim vem a proposta. D. Amélia Soares desprende-se dos braços do amante, assustada...

—Não... não... E' o meu filho é o nosso filho... E' a minha vida de mulher, é o meu próprio sangue.

Dr. S., que também é psicólogo, mudou de tática ante esta resistência.

—Está bem, Amélia, não se fala mais nisso.

Começou então a representar o papel de médico.

As caricias aumentavam; tudo eram cuidados pela saúde da Ameliasinha...

—Estás fraca... é preciso cuidado... E recebeu.

Confiada D. Amélia Soares, cumpriu as prescrições do medico-amante.

E' este o remedio. A pouco e pouco começaram a faltar-lhe as forças, e a sensibilidade... Quiz reagir mas não pôde—estava anestesiada.

Quando despertou assistiu à derrocada do seu castelo de ilusões...

O seu filho... A vida... O futuro... tudo tombára ali, em cima daquela mesa cirurgica, salpicada de sangue, do sangue do seu próprio filho...

Dr. S. impávido, egoísta, fechado no seu «dever» clinico, desinfectava as mãos.

A desgraçada saiu do consultório para entrar no Hospital do Carmo. Facilmente se explicaria o seu estado:—um pequeno acidente—coisa de pouca monta.—(Continua)

C.

No coração do Brazil

Em procura de Fawcett—Um novo reconhecimento

Estes e os artigos seguintes descreverão uma expedição que durante tres meses percorreu o interior do Brazil em procura dos vestigios de uma outra que em 1925 se embrenhou nestas paragens, nunca mais havendo conhecimento dos seus componentes. Esta reportagem foi levada a cabo por um enviado especial de um jornal Londrino que tomando : : parte na expedição, arriscou-se aos inumeros perigos da selva Brasileira. : :

(CONTINUAÇÃO)

ESTA tribú tende a desaparecer pelo contacto da civilização, os seus membros vão desertando para as cidades, contaminados pelas narrativas dos missionários. Vagarosamente vão abandonando as suas práticas religiosas, assim como os ossos e amuletos com que prefuravam a carne. Os seus vizinhos e inimigos os Chavantes, são por reputação um povo muito diferente.

As narrativas da ferocidade deste povo parece que não são exageradas e por todo o Mato Grosso circulam as atrocidades da sua crueldade.

Na minha opinião os Chavantes representam o unico perigo daquela região.

Em 19 de Agosto, partimos Tarirapé acima em quatro canoas ligeiras.

A nossa expedição era composta por 11 pessoas, seis brancos e cinco «camaradas» Brasileiros (Os Carajas não nos quiseram acompanhar)

As nossas esperanças não eram muitas, o rio devia baixar e só para fins de Setembro teríamos chuvas. Levavamos mantimentos para 18 dias. O nosso mapa o mais completo sobre estes sitios, que havia em Londres, era deficientissimo.

As suas indicações não iam a ponto de nos garantir o poder-mos atravessar até ao território de Kuluene.

O Tarirapé, é um rio fascinante, enquanto que o Araguaya, sendo largo torna-se mo-

notono. A cada passo, densa ramaria e troncos de árvore derrubados obstruam a passagem dos barcos



Parte da expedição de que fazia parte o autor desta reportagem

mas as dificuldades não eram grandes para resolver.

Gastos demasiados, para chegar ao «porto» dos indios Tarirapés onde não se pouparam esforços. O «porto», é uma clareira na margem do rio: as vilas dos indigenas estão retiradas 30 milhas para o interior.

Neste ponto dividimos as forças da expedição, metade tomou por sua conta a exploração do Tarirapé. Depois de um dia de viagem sobre aquele rio, os seus progressos esbarraram contra inumeras arvores caídas, que lhes intercediam a passagem, mas uma vez vencidos estes obstaculos continuaram Tarirapé acima até 10 milhas do porto onde tinham saído sem que a sua passagem fôsse de novo obstruida.

Entretanto e neste tempo, toda a

tribu dos Tarirapés tinha chegado, não extraordinariamente mas como habitualmente vinha, para pescar.

Estes eram mais robustos que os Carajas, o seu humor e a sua delicadeza e o grande descaramento em pedir e roubar, faziam-nos mais simpáticos.

Infelizmente traziam poucos alimentos com eles, distribuímos tabaco, cutelarias e brinquedos aos grandes, e aos pequenos, cartuchos vazios e fitas de maquinas de escrever.

Assombrados pela nossa magnificencia, os seus dois capitães,—um dos quais usava uma guarnição de plumas na cabeça,—foi convidado por sinais, a fazer de nosso guia até uma ilimitada dis-

tancia, na direcção de sud-west, o que acedeu.

No desconhecido

A nossa entrada na região inexplorada, tinha qualquer coisa de principiante.

Metade da expedição que ficara compunha-se de 6 homens, Peteward, Priestley e eu, dois indios e um habil e jovem Brasileiro.

Nós apenas tinhamos uma vaga ideia do ponto geografico que ocupavamos, a nossa unica esperanza de prosseguirmos caminho, residia em estabelecer contacto com outras tribus. Mas, mesmo

(Continua na pág. 15)

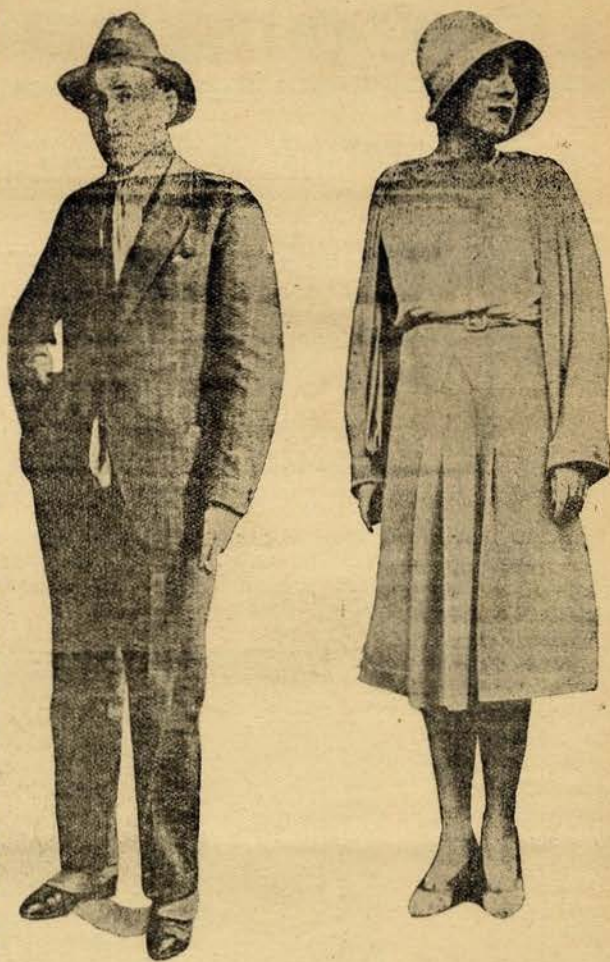
Três extraordinários casos de existências duplas

O HOMEM QUE ERA MULHER, DE COPENHAGUE..

O burguez honrado, que era "escroc", de Londres

E o assassino do general Ortiz... que era

um patato turista, do Mexico



Regener quando homem,

... e depois de ser mulher

NÃO é a primeira vez que este jornal revela casos de existências-duplas. Referimo-nos aos individuos que, por necessidade, por cálculo inconcessável ou por outras quaisquer circunstancias criam uma ou várias novas personalidades destruindo por completo todos os vestígios sociais da primitiva e verdadeira existência, como se uma pedra tumular a estivesse guardando; ou ainda conservando-se e encarnando, intervaladamente, no tablado da vida, ora um ou outro papel, conforme as exigências o obriguem a apresentar-se sob a falsa ou a autentica personalidade.

Quiz o Destino que, com uma simultaneidade impressionante e involgar, estrondeassem agora em tres paizes outros tantos escandalos, catalogados neste género de duplicidade. A imprensa de cada um desses paizes comentou através de longas reportagens, o seu caso, ignorando que outros semelhantes, embora com aspectos diversos, se repetiam a uma distancia, mais ou menos, curta, das suas fronteiras.

Pousaram-nos, os tres *affaires*, sobre a nossa banca de trabalho, no mesmo dia, narrados em jornais vindos pelo mesmo correio. Ei-los...

*

O primeiro desenrola-se em Londres. Escolhemos *The Evening News* do dia 25 do mez passado para nos descrever o caso.

«Nos arredores da grande capital ingleza, a vinte e cinco minutos de Outubro «Guesi» de Piccadilly Circus, num logarejo chamado «Hompson in Tamise» vivia, ha mais de trinta anos, uma familia que era admirada e respeitada por todos os visinhos. Mr. Edward Reginald, com sua esposa, suas irmãs, cinco filhas, duas das quais casadas, dois genros, tres netos, serviaes de vários géneros — formava uma espécie de colónia, de dezoito pessoas — habitando na

vila apalaçada, cercada por um enorme jardim. A existência decorria venturosa, nesse pequeno paraizo. Um milionário não proporcionaria melhor pousadio à sua familia. Desde radio e do cinema privativo, desde festas freqüentes e de freqüentes banquetes, até ás custosas viagens, nas feiras, a todos os centros de turismo, e as teatradãs constantes, em que a mesma familia ia e voltava de Londres numa caravana de vários autos — todos da propriedade do chefe — nada faltava para que aquella gente se considerasse a mais ditosa do mundo.

Os inglezes são pouco bisbilhoteiros — e daí o nunca terem devesado a origem da fortuna de Mr. Edward Reginald. Contavam os velhos do logarejo que, quando há trinta anos, ele viera habitar uma modesta casita de Hompson, contando então apenas uns vinte anos — estava apenas acompanhado por sua esposa, não tinha creados nem carruagens, vestia e vivia com a maior modestia e mourejava heroicamente, noite e dia, como relojoeiro, que ganha o pão sagrado. Bruscamente deu-se uma reviravolta; a familia começa a crescer e a prosperar; mandara construir a sua actual vila apalaçada — ao mesmo tempo que abandonava o seu officio — ignorando-se a que se dedicava depois e qual era a origem da sua fortuna. O unico que se sabia, ao certo, era que Mr. Reginald ia todos os dias a Londres, num auto que ele mesmo guiava, demorando-se cinco a seis horas na capital.

Ora bem... No mês de Maio ul-

timo um banco da city foi burlado, por um engenhoso processo de cheques e letras — em quantia tão insignificante — cincoenta libras — que os directores preferiram resignar-se aos trabalhos duma queixa — se não fóra a boa memoria dum velho empregado que fez notar que com intervalos de três a quatro anos e durante muitos anos, aquelas bur-las se tinham repetido regularmente, pelo mesmo processo e sempre em quantias insignificantes. Denunciado caso à Scotland Yard o detective reparou que inumeros bancos estavam sendo burlados, com os mesmos intervalos e pelo mesmo sistema. De investigação em investigação apurou-se que, saltitando de banco em banco, o *escroc* conseguia anualmente — apesar da modestia de cada operação — um rendimento fabuloso, visto que percorria todas as firmas bancárias não só da capital como da provincia, do estrangeiro e até particulares que se dedicavam a operações de crédito. Revisando todos os documentos re-

(Continua na 10.ª página)

As proezas aventurosas do Mosqueteiro do Ar

Romance—Reportagem inédita pelo REPORTER X

III EPISODIO (1)

A CABEÇA DE CÊRA

NÃO vos explico o que foram esses dias de expectativa para mim—porque para que vocês os podessem apreciar necessitavam conhecer o segredo do meu desespero—desespero que me ia levando à alucinação do suicídio; segredo que, na devida altura vos revelarei... O que podem, sim, é fazer uma ideia da ansiedade com que eu aguardava o termo do prazo marcado pelo «Mosqueteiro do Ar»; na esperança que as suas promessas me tinham suavizado a alma; da curiosidade que as suas palavras provocavam no meu espírito...

«Kajita, essa boneca oriental que eu

estimo como se fôsse minha filha, ou minha irmã, compartilhava das minhas conferencias—da minha fé; mas a constituição do seu sistema nervoso, a sensibilidade do seu espírito, sendo, talvez, maior do que o nosso blinda-se numa calma imperturbável... Graças á sua terna companhia—na semana de espera não atingiu o *zenith* da angustia...

«Chegou finalmente o termo do prazo... Que dia esse! Que anoitecer! Os meus olhos não se desviavam do relógio como que exigindo que os ponteiros caminhassem em ritmo com a minha impaciência... A propria Kajita, coitada, apesar de toda a sua calma—não parecia o mesmo automatismo humano—vibrando, como eu—na impaciência de ver... de ouvir o motor do aeroplano do misterioso aviador.

«Não jantamos... Com as largas janelas abertas sobre o terraço, agitavamos-nos como feras enjauladas, ora contemplando o céu—ora consultando o relógio...

«Oito horas... Nove... Dez! Onze! A's onze e meia a impaciência começou a ser substituída pelo desanimo; á meia noite—o desanimo cedeu ao desespero! Despertei do meu tormento ao sentir um lenço

de seda sobre as faces... Era Kajita que me enxugava as lágrimas! Eu—meus amigos—eu... o vencedor de tantas luctas, o impavido herói de

um motor que troteava ao sul e que parecia vir na direcção do norte...

«Sofrera tanto naquelas horas de desengano—que não quis entregar-me por completo á nova esperança... Hoje em dia passa-se pelo ar com tal frequência; a passagem dum avião sobre as nossas cabeças é um facto tão banal que não podíamos jurar que aquele fosse o de «Mosqueteiro»...

«Mas era... Cinco minutos depois de sempastelando-se do céu desenhou uma curva amedroeira sobre o terraço do «Mercedes Hotel»—tão baixo que tivemos a impressão que ia caír...

«O «Mosqueteiro não faltava á sua promessa—a de nos avisar do seu regresso... E uma vez desenhada a aventureira curva—subiu de novo, confundindo-se no céu e atastando-se até que o tiroto do seu motor se extinguiu por completo...»

*
* *

Carlos Rezende interrompeu a sua narrativa e fixando em Gastão os seus olhos azues, vivíssimos e sempre prescutadores, indagou:

«—Que tens tu?»

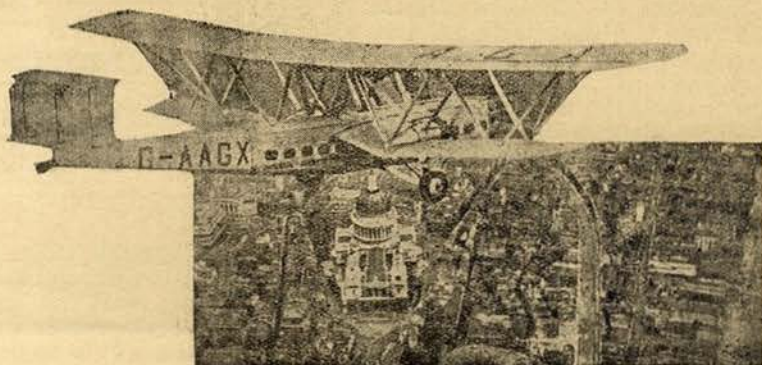
De facto, eu tambem notava em Gastão nos ultimos minutos, Dir-se-ia confranjado, apocado, encolhido na sua cadeira entre outros internados, o seu dorso era sacudido por incompreensível *frisson*.

«—Vestígios de Atrica—confessou com um horror amarelo. Febres! E neste lugar chega-me a uma carícia perigosa do vento. Embora ligeiro—do Norte e noturno—dois agravantes para o meu mal crónico. Se tu não te importas, Carlos, troca comigo o lugar...

«—Da melhor vontade! Já podias ter dito á mais tempo.»

Trocaram o lugar; e mal pensava eu que este episódio

(Continua na página 14)



É um motor roncando por sobre a cidade veio prevenir-nos de que o «mosqueteiro do ar» tinha cumprido a sua palavra.

tantas dores dolorosas e crueis—choraval Chorava de... desilusão! O meu sofrimento, nesse instante, era mil vezes pior do que aquele em que a carta do «Mosqueteiro do Ar» me viera surpreender com o dedo no gatilho—disposto ao suicídio; e era pior porque me erguera um vôo de esperanças e me deixava cair de um alto—sem esperanças e sem fé.

«Meia noite e meia hora... Indiferente a tudo, atirado como um farrapo, para um *mapple*, a cabeça sepultada entre as mãos, os cotovelos vincados nos joelhos—eu vivia a morte—ou seja vivia em pensamento, sem uma sensação, na catalepcia da minha propria dor—quando de muito longe me chegou—zumbindo—um ruído que nem ao de leve me sacudiu... Mas pouco a pouco esse ruído—distante—veio aproximando-se, difinindo até soar num ritmo metraqueado inconfundível... Mesmo assim talvez não me tivess despertado nem compreendido o que se passava—senão fosse a bôa Kajita que me bateu no hombro como uma creança nervosa,—ela, .. que não sabe o que são nervos—gritando-me: «Ouça! Ouça! E' êle! Ele não faltou á sua palavra!»

«Desenterei a cabeça das minhas próprias mãos e apurei o ouvido. Não podia duvidar: era um motor de aeroplano;

O CASO MUNDIAL-PLACIDO

A providência, a serena providência que tudo governa, vem em ajuda do «Reporter X» em material que avonda para o artigo prometido: «A influência de vários calixtos na Indústria Seguradora».

Fresquinha, asaltar transcrevemos, a sensacional bomba-notícia publicada em o «O Seculo» de quarta-feira passada:

Uma penhora na «MUNDIAL»

A influência de vários calixtos na indústria seguradora A águia da Mundial ia indo para o prégo. Como o Conselho Fiscal da Mundial apreciava



Em virtude de despacho proferido pelo juiz da 1.ª vara, desta comarca snr. Dr. Rapazote, nos autos de «execução movidos pelo Snr. Dr. José António de Figueiredo contra a Companhia de Seguros «A Mundial» foi ordenada a penhora nos bens desta Companhia, tais como, valores de reservas depositados nos termos do decreto n.º 17.555, prédio que possui na Rua Augusta 228, depósitos nos diversos Bancos e móveis da sua Sede.

Onem, pelas 15 horas o escrivão Snr. Dr. Alfredo Cortez dirigiu-se à casa bancária Borges & Irmão, tendo ali procedido à penhora dos dinheiros depositados pela referida Companhia de Seguros, na importância de Esc. 107.579\$40.

Em seguida, dirigiu-se à Sede de «A Mundial» onde procedeu à penhora do mobiliário ali existente nas diversas dependências dos seus escritórios, tais como secretarias, ficheiros, cofres fortes, mesas, cadeiras, candieiros, relógios, máquinas de escrever, máquinas de calcular tipografia, reposteiros, etc, etc.

Tendo nomeado depositário destes bens o comerciante Snr. António Alberto de Araújo.

A penhora recaiu sobre os diversos móveis existentes nas dependências da Sede de «A Mundial», ou seja no gabinete da direcção, sala do conselho de administração, gabinete do contencioso, secção de automóveis, secção de incêndios, de serviços de títulos, de seguros de acidentes, de vida, transportes, estatísticas, contabilidade, agências e na tipografia.

O mais curioso neste caso, que mais uma vez traz para a publicidade o nome de «A Mundial» é o facto de, presentemente, ser director desta Companhia, o Snr. Dr. Mário Calixto, que, durante anos, exerceu o cargo de Juiz do Tribunal das Execuções Fiscais, onde com uma severidade sem limites, esmagava os pobres contribuintes, a quem a miséria atirava para as suas mãos impiedosas.

Coube, agora, a vez ao snr. Dr. Calixto de ser penhorado e, assim apreciar os rigores das leis.

E' caso para se dizer: «quem com ferros mata...»

E a figura do Dr. Calixto em tamanho natural:

Antigo juiz do Tribunal das execuções Fiscais, e agora executado pelo Tribunal como administrador da «A Mundial».

E há gente que não acredita em calixtos!

A história deste tremendo e bulhento caso, está-nos a parecer que dá um romance inteiro, com figuras ultra-modernistas e novas en-

carnações do velho e manhoso Judas.

Um sudário de larga reportagem voar à roda das asas abertas da gigantesca águia da «Mundial»...

Vamos lá a isto e sem pressas...

Publicamos no nosso ultimo número dois quadros elucidativos do estado da Mundial em plena vigência do acordo ou do contrato com a Munich.

Só por si eles demonstram a actividade do seu antigo administrador E. Plácido, que largou a Companhia com mais de 17 mil contos de receita, e em tal estado de prosperidade que a Mundial lhe quiz dar a pensão vitalícia de 60 contos anuais, se Plácido deixasse de vez a sua actividade seguradora nos ramos explorados pela Mundial.

Eduardo Plácido não aceitou e vai então surge o primeiro canhoneio:

Uma queixa na policia arguindo Plácido do descaminho de acções e obrigações da C. C. F. do Norte.

Quem apresenta a queixa? A Mundial e o dr. Mário Esteves de Oliveira.

Em que deu a queixa? Nisto: Em provar que Plácido mais uma vez se prestara a auxiliar o crédito da Mundial, acudindo-lhe com acções suas, acções que depois foram trocadas por acções da C. C. F. do Norte de Portugal.

Quem testemunha isso? O dr. Barbosa de Magalhães, professor ilustre e marechal graduado do Partido Republicano Portuguez.

O tiro errará o alvo e, por isso, «A Mundial» se apressa a desistir das investigações pedidas, «reconhecendo não haver motivos para nelas se prosseguir» (sic).

O Dr. Mário Esteves desiste também e ambos venderam depois, bem vendidinhas, as acções do Norte que possuíam...

Começou então o fervilhar de nova campanha, e ela surgiu, logo que Plá-

—: a administração de E. Plácido :—

== HORAS MÁS... ==

O ponteiro da Mundial entre as duas...

Deu-lhe o calixto e parou no dia do pe-

== dido de demissão de E. Plácido ==

cido anunciou a remodelação da Companhia de Seguros Europea, a trabalhar nos mesmos ramos da Mundial...

E o agarra que é ladrão, truc gasto e que vem da politica habil dos Dons Bazilios-calixtos de força que enfartam a nossa sociedade.

Mas vamos atraz para bem desfibrar este emaranhado caso.

A Mundial ia exercendo de vagarinho a sua indústria.

Plácido tinha, decerto, o seu ordenado fixo e a sua percentagem sobre as receitas.

A sua grande actividade era, portanto, recompensada pelas percentagens sobre as receitas da Mundial.

Procurando os seus interesses procurava, naturalmente, o prospero desenvolvimeto da companhia que dirigia.

No congresso de Baden Baden, colheu o apoio de Munich.

Como se prova isto?

O raciocinio é simples; basta, olhar para o quadro publicado no nosso ultimo número.

As receitas da Mundial nos anos de 1921, 1922, 1923, 1924, 1925 (anos a que se refere a actual questão Mundial-Plácido) são respectivamente de

1.076.749\$38,5; 1.887.999\$09
4.246.038\$69; e 7.704.135\$16
7.555.547\$44.

Como é que elas poderiam galopar assim tanto, sem um apoio forte que só poderia ser proveitoso se fosse dado por uma grande empresa do mesmo genero?

Dizem os jornais que a Munich dentre outros serviços prestados à Mundial lhe assegurava automaticamente os seguros, de forma a que se desse qualquer sinistro mesmo meia hora após o seguro feito, a Munich tinha nelle responsabilidades.

Se era assim percebe-se lá que haja alguém tão ingenuamente parvo que aceite responsabilidades sem compensações?

Claro que não.

E assim compreenderam de facto os administradores da Mundial concordando em actas com este contracto Mundial-Munich. Quem a certa altura não concordou inteiramente com ele, foi o próprio Eduardo Plácido.

E tinha razão. Dado o montante dos seguros, Plácido, dois anos após o contracto, achando excessiva a percentagem da Munich, propôs para que esta se modificasse.

E é tão importante esta acção de Plácido, que o Conselho Fiscal da Mundial, de que fazia parte a Dr. Mário Esteves d'Oliveira, aplaudia e agradecia a administração zelosa do fundador da Mundial.

Temos aqui à mão dois relatórios —1926 e 1928— que dizem:

«3.º que este (Conselho de administração) e especialmente ao Snr. Director

Geral (Eduardo Plácido) são credores, o vosso louvor e reconhecimento, pela forma como geriram os negocios da Companhia.»

Lê-se isto e a gente pasma do descaramento dos mesmos homens que louvaram em 1926 e 1928, o homem que agora acusa de roubar a Companhia por virtude de um contracto que eles reconheceram e aceitaram e agora teimam em negar.

Batatas! Batatas! Batatas!

Talvez seja por isto que se demitiu do actual Conselho Fiscal da Mundial o sr. Dr. Mário Esteves. Deve ser; a falta de lógica num advogado é coisa imperdoável.

Mas há ainda uma nota digna de se frizar.

É colhida dos mesmos relatórios e da autoria do próprio Plácido:

«E necessário se torna também regular a fórmula como se devem elaborar os balanços e relatórios das Companhias.

«Pela décima-quinta vez — visto ser este o décimo-quinto exercício de A Mundial—chamo a atenção de quem de direito para a necessidade que teem, tanto os accionistas como os segurados, o Estado e o público em geral, de conhecerem, clara e rapidamente, pelos seus relatórios e contas, a situação em que se encontra uma determinada Companhia de Seguros.

«Espero, portanto, confiadamente, que na nova legislação sobre seguros, estes importantes assuntos, e outros ainda, não deixarão de ser

encarados e resolvidos de forma satisfatória.»

É que de facto os relatórios da Mundial eram tão completos que se não concebe ter alguém deixado de ver —com olhos de ver— as contas, essas contas apuradas e louvadas pelo Conselho Fiscal e agora —dez anos depois!—acusadas de serem falsas.

Onde estarão os miolos da gente que acredita nisto!

Mas um dia... Um dia entrou Calixto na Mundial e, pobre Aguia doirada, a Mundial sofre as culpas desse imponderavel...

Quem há que não tenha Calixtos na vida!... Eis a Mundial a sofrer as conseqüências.

Por ódio ao Pai não-de pagar os filhos, os accionistas...

A Mundial tinha 17 mil contos de receita; vamos a ver qual será a receita futura; a Mundial tinha crédito, agora tem arreostos; a Mundial tinha um nome seguro, agora tem que segurar o seu próprio nome.

E a luta pela vida, luta árdua, luta que carece de lealdade, de verdade e de inteligencia.

Não se pode vencer senão assim.

O Mundo não se governa só com uma Aguia doirada a ferrar nele as suas garras.

Não. Precisa, quem o quizer governar, da confiança absoluta de toda a gente; precisa de força moral; precisa de ser claro em tôdas as suas atitudes.

Se a Mundial fôsse serena no seu ataque a Eduardo Plácido, a Mundial fazia-lhe medo, fazia-lhe concorrência, porque tinha um passado e estava instalada primeiro.

Havia de vencer, concerteza. Assim, não. O precedente de apresentar uma queixa infundada contra Eduardo Plácido; a tal queixa de que teve de desistir por não ser verdadeira, levava outros ainda, não deixarão de ser

(Continua na página 15)



Mundial-relogio

O homem que era mulher, de Copenhague...

(Continuação da página 6)

lativos às suas escroqueries que pudera agrupar — o detective notou que as firmas envolvidas eram sempre diferentes e fantásticas. Apenas as unia um detalhe: uma morada que era sempre a mesma: Commercial Street 382.

Ora naquêlê endereço—um autêntico convênio de escritórios, com trinta a quarenta pequenas firmas em cada andar e seis andares—difícil foi descobrir sob que máscara o escroc se ocultava. Descobriu-se então que havia, no terceiro andar, um cavalheiro que se fazia chamar Andrew, que nem senhorio nem o empregado tinham visto nunca pessoalmente. O empregado entrava às dez e saía às cinco: recebia cartas, visitas, tomava notas do que lhe diziam e guardava tudo na caixa do correio, no interior do escritório. No dia seguinte, ao chegar, encontrava a caixa vazia e um papel com as instruções do patrão. O ordenado e a renda *apareciam* da mesma forma misteriosa. «Mas para que Mr. Andrew abra a caixa; recolla a correspondência, e deixe as instruções, o ordenado e a renda—é preciso que venha cá todos os dias!—pensou o detective. Contudo nem os vizinhos, nem o porteiro tinham dado nunca fé do sr. Andrew. Após longos meses de cautelosa devassa a polícia descobre o inigma. O sr. Andrew ocultava-se sob o nome de Mr. Harry Bowell, no escritório pegado ao... seu. É assim, sem ser notado, abria a porta do segundo escritório, mal o empregado saía e entrava sem que ninguém desse por isso. Mas a maior surpresa foi quando se soube que Mr. Andrew, Mr. Browell e Mr. Reginald —o bom, o honrado e rico burguês de Hompson—eram uma e a mesma pessoa. E assim esse homem conseguiu, durante tantos anos encarar três personalidades, e graças a elas... usurpar uma razoável fortuna.



Daniel Flores, o assassino do general mexicano Rubio—antes e depois do atentado—sob a metamorfose que lhe permitiu escapar à polícia

ram porque era evidente a repulsa que ela sentia pelo amigo do marido, havendo graves questões, no lar, por esse motivo. Berge-ner, porém, indiferente à repugnância da esposa, cada vez se tornava mais íntimo do outro jovem, só saindo com êle e deixando a mulher abandonada.

O caso tomava proporções de escândalo quando um belo dia o guarda livros dá entrada voluntária num hospital da cidade—sem prevenir ninguém. Soube-se depois que ia ser operado pelo célebre cirurgião dinamarquez, Dr. Warnerss. Mas operado—quê e porquê? A esposa, que êle recusara receber no hospital, ignorava que o seu marido estivesse doente...

Três mezes depois—ou seja há poucos dias—Mr. Begener... sae do hospital—mas uma completa metamorfose se deu entretanto. Abandonando por completo os trajos masculinos e vestindo com a *coqueterie* de uma jovem elegante—o guarda livros requer a modificação do seu registo civil visto que não é *homem*... mas sim *mulher*. Deixa de chamar-se Leo Begener para adoptar o nome de Lilita Bregener.

Segundo as declarações do médico operador o fenomeno do amofidilismo de Bregener era dos mais raros que se conhecem; tão raro que, sendo *mulher* a esposa nunca o adivinhara...

Mas não termina aqui o escândalo. Lilita Bregener quer romper o seu casamento argumentando que um matrimonio de duas pessoas do mesmo sexo não pode ser válido nem mantido... E porque deseja ele a anulação do casamento? Para se ligar legalmente ao seu jovem amigo, por quem nutre uma louca paixão—

paixão que a levou a sujeitar-se a cumprir e a definir o seu verdadeiro sexo.

O caso está entregue aos tribunais — e não pequenas dôres de cabeça vão sofrer os juizes dinamarquezes para resolver esta questão...

*

Terceiro e ultimo caso Os leitores recordam-se do recente atentado de morte cometido no Mexico contra o general Rubio Ortiz...

O assassino do general era um jovem soldado chamado Daniel Flores—pessoa de destaque na alta sociedade mexicana. Tendo conseguido escapar-se à policia na ocasião do crime—as autoridades

tomaram imediatamente medidas tão severas para o prender que ninguém duvidava que ele se salvava da morte que o esperava. Passaram se os dias, as semanas, os meses—e apesar dos constantes trabalhos policiais, dos rigores da fronteira e em todos os portos, dos milhares de retratos distribuidos e dos premios quantiosos que ofereciam—Flores não aparecia. No fim de oito meses—a policia resignou-se à inercia, vencida de que o assassino conseguiu emigrar...

Pois bem: Daniel Flores acaba de chegar a Nova York onde foi entrevistado pelos jornalistas. Quando estes lhe perguntaram como se infiltrou pelas rédes que o cercavam—respondeu: «Mas eu vi agora que as fronteiras estão abertas, e que os guardas se esqueceram de mim, é que resolvi sair do Mexico. Durante todo este tempo vivi na capital e bem há vista de toda a gente.»

E explicou: «Combina o atentado em todos os detalhes, arranjava um passaporte espanhol, comprara malas e selara-as com as etiquetas de um vapor que chegara aquele dia ao México. Mal viu o general cair, ferido de morte pelos seus tiros; refugiou-se numa casa alugada no local e transformou o seu rôsto com tal pericia que nem *su propria madre lo reconceria*. Assim transformado, pegou nas malas e foi hospedar-se sob um falso nome e personalidade espanhola no principal hotel da cidade. Nesse hotel viveu todo este tempo, saindo, passeando, frequentando teatros, relacionando-se com officiais da policia e discutindo pôr toda a parte o atentado... de que era ele o autor. E assim se salvou—e conseguiu passar a fronteira quando compreendeu que o perigo tinha passado». Já é preciso audacia...

O segundo caso deu-se em Copenhague—Dinamarca. Mr. Begener, um jovem guarda livros bancário de 25 anos, enamora-se e casa com uma jovem colega de escritório. Durante três anos o casal vive feliz—pelo menos na aparência. Contudo os íntimos da casa notaram, com certa estranheza e maledicência, as visitas constantes de um amigo de Begener, que raro o dia não come com o casal—pernoitando muitas vezes em casa do guarda-livros. Se nos primeiros tempos as más linguas difamavam a honra da esposa—logo se arrepende-

GAFADOS E GAFARIAS

Uma frase simbólica do Dr. Vilas Boas

IRROMPEM de quasi todos os sectores-vivos da nação, enérgicas e generosas iniciativas convergentes à «Campanha da Gáfa» que o mui distinto clinico e meu querido amigo Dr. Vilas Boas chancelou com uma frase que, sendo uma bela imagem literária deve tornar-se num dogma social: «Guerra à lepra—paz aos leprosos!».

Se Portugal foi um paiz venturoso atravez alguns séculos, se o doiraram glórios mortais; se o ilustram infinitos frisos de heroes e sábios, artistas e santos—verdade é que pagamos sempre um agio pesadissimo de tantos e tão milagrosos favores da sorte; o agio de fatalidades enibis dolorosas, inquisitoriais...

A gafa simbolisa, desde a aurora apoteotica da nacionalidade, até a esta inerte, cataleptica e triste extasi contemplativo dos fulgores passados, em que escabeçamos atualmente, uma das muitas flexas que nos trespassam, de lado a lado, empeçonhando-nos as horas mais alegres e gloriosas—como uma das fatalidades inevitáveis e ininterruptas da raça. Para se visionar, com certa clareza, o que foi a legua durante os três ou quatro primeiros séculos de Portugal—basta evocar o alastramento negro e gran-guignolesco que nessa época o mal alcançava por toda a Europa, e saber-se que Portugal era a zona europeia onde os gafosos se tinham multiplicado mais rapidamente e numa tal proporção que pasmou e horrorizou o Frei Sandino de la Roca. Este frade italiano, que se julgava senhor do segredo da cura da lepra—e que morreu gafado, pelo contágio do seu inutil mas sublime sacrificio, viera ao nosso paiz, a rogos de D. Sancho I e depois de ter percorrido dezenas de estados e conhecendo de cór os vários graus de gravidade que essa horrivel moléstia atingira por esse mundo fóra. Desceu a todas as gafarias, sirandou pelas aldeias e pelas cidades, devassou choupanas e palácios onde os leprosos se ocultavam—temendo o

tumulo de vivos que os esperava caso os descobrissem; e por fim declarou, angustiado: — de todos os países que visitei até hoje aquele, em que o povo sofre mais esta maldição da carne é o povo «albino»—em que, outr'ora, o paganismo grego ao declinar, reflectiu os ultimos esplendores.. Ali topei eu cinco gafados entre cem seres humanos. Pois no nosso paiz (o nosso Portugal no reinado de D. Sancho I) talvez esse número fósse dobrado e nalguns sitios triplicado».

Encontrei esta informação numa obra do sr. Augusto Soares de Azevedo Barbosa de Pinho Leal, «Quadros estatísticos, arqueologicos, biográficos etc.», publicada em 1872 e a que Camilo faz referência, não me recordo já aonde—possivelmente em «Mosaico e Silva» ou nas «Noites d'Insonia». E' possível que a falta de recursos para a construção duma estatística exacta—levasse Frei Sandino de la Roca a exagerar. Mas, seja como fór, não resta duvida de que Portugal foi sempre um paiz ferido, muito mais profundamente, pela fatalidade da lepra—do que aquéles onde a lepra encontra mais fácil desenvolvimento...

* * *

Hoje em dia, graças aos indiscutíveis avanços da Ciência e sobretudo a sua influência na organização social dos povos civilizados—existem países onde a mancha negra da gafa se apagou por completo ou mingou a uma tão diminuta gafaria que nos leva à esperança de vermos, que breve, a Humanidade liberta das suas garras impiedosas. Mas em contraste desolador—Portugal mantém-se, neste maldafado terreno—numa proporção quasi digna das eras medievais, doutros povos.



Leprosos: Dois no princípio da sua decomposição em vida.

A' volta da origem da lepra—como da sífilis—acumulam-se as lendas—que a ciência, na maioria dos casos, desmente... sem grande firmeza. Lendo a «História Universal» do prof. Trajano Ambrogio (edição castelhana, III volume) encontra-se a referência a uma dessas lendas. Trinta e sete anos após o dominio romano sobre a Lusitânia, um sábio de nacionalidade confusa que Roma expedira—«Purterlus» era seu nome ou apodo—encarregou-se de limpar essa zona ibérica. Os meios de que se serviu—são apenas insinuados pelo historiador; e atravez dessas insinuações anteveem-se caudais de sangue sacrificado...

(Continua na página 15)

(1) Ler nos n.ºs 106 e 107 do «Reporter X» os dois primeiros episódios—«O Cemiterio Refenho»—O Segredo de «Mercedes Hotel».

A ARTE DE FURTAR...

O TRABALHO DAS "SOVAQUEIRAS"

SÓ E A "DUO"... A LEGENDA
DUMA GRANDE AFEIÇÃO...

SOOU violentamente, lá dentro, a campainha. Instantes depois, surgiu entre a porta, a cabeça de uma linda mulher. Fito-a, e, com voz seca, digo-lhe brutalemente:

—O anel que me roubou da mala, quando viajávamos no «electrico?»

Uma onda vermelha lhe coloriu o rosto e com um grande ar de sofrimento — cambaleou.

Apiedado daquela dôr impossível de simular, amparo-a nos meus braços.

Lentamente, com mil cuidados, conduzo-a a uma salinha, onde a deito num «maple». Então, a mulher, entre lágrimas, soluçando, descreve-me a sua vida, vida de crime, da qual vou revelar a parte em que se explicam alguns «truques» do trabalho das ladras que em giria policial são conhecidas por «sovaqueiras».

* *

Num pomposo estabelecimento, onde belas sédas andam misturadas com lindas peles.

Ao balcão — um caixeiro, género Ramon Navarro, vê, dirigindo-se-lhe, com um lindo sorriso, uma mulher que deseja «ver» diversos artigos. No fim de uma hora, e quando o balcão se encontra coalhado de peças de séda, os olhos dela, a sua linda bôca, desvairam o pobre empregado por completo, fazendo-o arquitetar *castelos*, impossíveis de construir, perturbando, assim, o seu espírito. Essa perturbação, permite à dama proceder mais à vontade.

Examina as prateleiras distantes, e, apontando uma peça, obriga-o a voltar-lhe as costas. Nesse momento, rapidamente, esconde entre suas roupas o que mais lhe agrada. Depois... uma compra insignificante e a «dama» retira-se, não sem prometer voltar...

Quando o roubo se descobre — já ela está bem longe...

* * *

Uma grande e luxuosa ourivesaria. Nas «vitrines», pérolas, brilhantes, uma infinidade de pequenas fortunas.

De um automóvel apeia-se uma mulher ricamente vestida. Inquire dos preços dos colares de pérolas. Deseja ver alguns. O joalheiro, amável, na expectativa de um bom negócio.

quando, bem longe, o automóvel roda...

* *

Muitas vezes — as «sovaqueiras» trabalham a *duo*.

O roubo assim praticado torna-se muito menos arriscado. Enquanto uma prende a atenção do caixeiro, examinando os artigos, a companheira aproveita a ocasião para esconder as mais variadas e valiosas coisas. Logo que pratica o roubo, retira-se socegadamente.

A outra, muito calma, espera, e, descoberto o roubo, indignadamente verbera o procedimento da «ladra»...

Quando acha que é conveniente, retira-se, não sem se informar se foi apresentada ou não queixa à policia...

*



Doas sovaqueiras em actividade... Antes de serem surprehendidas pela policia.

Abre o mostruário.

A ladra, aproveita o momento favorável. O ourives está distraído...

Subtrai a joia que está mais à mão... E é sorrindo que promete voltar no dia seguinte, com o hipotético marido, comprar o colar de que mais tinha gostado...

Quando se retira é acompanhada, com a maior deferência a e à porta. O comerciante só dá pelo roubo,

... Nunca mais em meus dedos se ostentou o anel que a minha linda ladra me roubou...

Ficou na sua mão — que eu tinha coberto de beijos. E ela hoje é para mim uma grande amiga, que me inspira amor e compaixão...

E. F.

Preços com grande PREJUÍZO
por dissolução judicial

Liquidação FORÇADA

SOBRETUDOS

Feitos. Milhares em todas as qualidades e medidas

GABARDINES

Impermeáveis. Milhares e milhares. O maior de todos os sortidos

LEÃO DA MODA (mesmo em frente da porta do Mercado do Bolhão)

373 — Rua Sá da Bandeira — 373 — PORTO

NÃO CONFUNDIR

VIRTUDES MODERNAS

O CASO DO AGUIA D'OURO

O encerro do Teatro Aguia Douro foi assunto e é assunto de complicadas conversas.

No sub solo da questão há um certo róncar de escândalo.

O que haverá?

Com o fim de constituir um arquivo sobre o caso, publicamos estes dois comunicados

(b) Comunicado do B. Extremadura

(c) Comunicado da Empresa Artística Lda.

*

* *

Agora é preciso cerzir toda esta prosa, espreitar o fundo á questão, esmerilar o negócio e pôr a nu este embroglio todo.

O Aguia d'Ouro encerrou quando se anunciava o grande film

«VIRTUDES MODERNAS»

Onde ficariam essas virtudes?

O diabo arma cada alçapão!

Vá lá um homem fiar-se no acaso.

Este caso do Aguia se calhar vai ajudar-nos a descobrir certos homens de virtudes... e de virtudes modernas.

Parece que as Aguias andam engalinhasadas.

A aguia da Mundial anda arrolada, a do Aguia Douro perdeu o pio.

O extranho do caso anda sobretudo á volta de uma celebre escritura de cedência de quotas, quotas de 20 contos compradas pelo B. da Extremadura por 150 % do seu valor, numa época de prejuízos!!!...

E o quotista feliz que vendeu uma delas ficou com o chorudo ordenado de 3 mil e 500 kilos da bôa maço-ca dos credores do Banco ou da Casa Bancária que lhe deu origem:

Isto é que se chama resolver á grande a crise do desemprego...

Á rica Extremadura—dá lhe desasas...

E o mais tipico, e mais desopilante é ainda o direito consignado ao vendedor da quota:

— Pode-se compra-la quando quizer, pelo preço da venda e se a Extremadura refilar—zuca—paga 150 mil quilotos de indemnisação.

Que mina... e que Aguia!..

Não haverá no B. da Extremadura commissario do Governo que olhe pelos interesses dos credores e pela moralidade de certos negociantes!

Havemos de espremer este caso como quem espreme limão, a ver até onde irá o suco destas. Virtudes modernas.

Não de *uma vez para sempre*, porque não lhe repugna dar contos públicas dos seus actos a *Empresa Artística, Ltd.*, em resposta a *Sociedade Nacional de projecção Ltd.* vem dizer e seguinte:

1.º—Não é nula a sessão pela qual a *Sociedade Nacional de Projecção Ltd.* passou a ter a qualidade de membro da Sociedade irregular denominada Sociedade Nacional de Recreios, Ltd.;

2.º—Essa qualidade resultou para aquella não só de um acto solene realizado na conformidade da lei, mas ainda de uma successão de actos e de acções em que a *Sociedade Nacional de Projecção, Ltd.* demonstrou querer aproveitar-se de todos os beneficios resultantes daquela sua qualidade de membro da *Sociedade Nacional de Recreios, Ltd.*;

3.º—A *Sociedade Nacional de projecção, Ltd.* retirou do Cinema Jardim Passos Manuel, concedido á Sociedade Nacional de Recreios, Ltd., centenas de lampadas electricas, diversas passadeiras, uma máquina nova de projecção e seus pertences, um motor de resistencia Zeiss, estrados varios, etc., etc., e de tudo se aproveitou em beneficio próprio, exclusivamente... próprio;

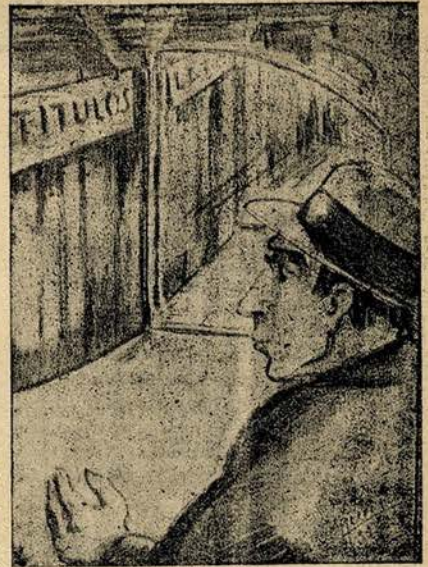
4.º—A *Sociedade Nacional de Projecção Ltd.*, não empregou honrada e honradamente, na nota a que se responde, a expressão *parece* que essa mensalidade deixou de ser paga, porque ela não ignora nem poderia ignorar, que realmente deixou de ser paga;

—Na petição para a penhora executiva realizada nos bens da *Sociedade Nacional de Projecção Ltd.* não se procurou confundir o contrato em que os autos se baseiam com um arrendamento, nem tão pouco as prestações em divida com rendas de um contrato dessa espécie—sendo inventado e contrário ao que dessa petição consta o que a tal respeito se afirma na nota a que se responde;

6.º—E' igualmente falso que só tenham sido penhorados os bens da *Sociedade Nacional de Projecção, Ltd.*—o que de resto seria absolutamente legitimo e moral por se tratar de responsabilidades comerciais sujeitas á regra de solidariedade *necessária* do artigo 100.º do Código Commercial e ainda por o quinhão da mesma Sociedade Nacional de Recreios, Ltd.,—corresponder a 4/5;

7.º—Infelizmente para os credores da *Sociedade Nacional de projecção, Ltd.* tem esta deixado de cumprir algumas obrigações, tais como á de cerca de 9 000 dolares que deve á empresa americana *Western Electric Company* e outras de importâncias varias como as que deve ao fabricante de móveis que fez as cadeiras da sua renovada plateia, ao fornecedor de pano para as fardas dos empregados do cinema, ao alfaiate que as manufacturou, ao architecto e ao estofador, ao polidor, ao carpinteiro, ao pintor, ao serralheiro, etc.;

8.º—Não foi occupado policialmente o Cinema Aguia d'Ouro; usando de um direito irrecusavel, o senhor depositario requisitou diversos agentes de segurança pública para im-



E ficam todos muito admirados olhando para a tableta que diz: Virtudes Modernas, com que fechou o Aguia d'Ouro.

pedir que os objectos penhorados, por cuja guarda elle é civil e criminalmente responsável sejam desviados... por quem a tal se queira atrever

9.º—essa cautela legitima nem sequer a fundamentou no facto estranho de, entre o 1.º e o 2.º dias da penhora dos bens do Cinema Aguia d'Ouro, ter sido levantada da escadaria lateral do prédio e occulta num camarim a respectiva passadeira, que era precisamente uma das que para ali vieram do Cinema Passos Manuel.

10.º—Se o depositario dos bens penhorados os retirar do local a onde se encontram para um armazem a onde os possa guardar sem a necessidade de para tal recorrer á intervenção da *Polícia*, pratica um acto legitimo e de rigida economia;

11.º—Sé a presença da *Polícia* no Cinema Aguia d'Ouro perturba a consciencia dos gerentes da *Sociedade Nacional de Projecção Ltd.*, com isso nada tem nem quer ter a *Empresa Artística, Ltd.*, que se recusa terminantemente a penetrar esse mundo vago e misterioso.

12.º—A penhora executiva realizada foi requerida em termos claros, fundamentada em documentos autenticos e ordenada por um douto despacho em que apenas se cumpriu a Lei. Sem mais e até quando fór preciso...

Pô.to. 12 de Dezembro de 1932.

(a) *A Empresa Artística Ltd.*

Banco da Extrema... dura

A Direcção deste Banco, tendo conhecimento pelos jornais de sabado, de uma reunião effectuada nesta cidade, de acionistas (credores da extinta firma Ventura, Coelho, Counhago & C.), presidida por uma pessoa estranha a este Banco e a convite de uma Commissão á frente da qual aparece um «devedor e não crédor», participa aos Ex.ªs srs. acionistas e clientes do referido Banco de que vai relegar aos tribunais os responsaveis pelo acervo de falsidades ali proferidas, reservando-se para na próxima assembleia ordinaria ou extraordinária, para tal fim convocada, dar todos os esclarecimentos que os verdadeiros Ex.ªs srs. acionistas desejarem.—*A Direcção*

As Proezas Aventurosas do Mosqueteiro do Ar

(Continuação do pagina 7)

dio insignificante daria pretexto a uma revelação intrigante...

Mas não nos precipitemos...

* * *

Carlos Rezende prosseguiu:

«—Sem o contraste de dar—a alegria e a felicidade, ficaram reduzidos a 50 p. c. do seu valor, na nossa sensibilidade! Por isso mesmo, por eu acabar de sair dum inferno é que a certeza de que o «Mosqueteiro» não tardaria a aparecer me tornou numa verdadeira criança feliz, pulando e chegando Kajita a reduplaria comigo num baile fantástico cuja unica musica era a das nossas gargalhadas...

«Meia-hora depois bateram á porta do nosso *appartement*. . . A' nossa frente estava um sujeito vestindo ainda um traje aéreo—e cujo rosto se tornava normal sob o casaco de couro com «Shelk» de *pasemontagne* e oculos enormes d'aro de «Charde»... Sobrara um volumoso embrulho:

«—Carlos—Sou eu!—disse em portuguezes.

E eu, hesitante, sem saber como tratá-lo, convideio a entrar.

Avançou para uma mesa, pousou o embrulho e fitando-me através dos oculos, perguntou-me:

«—Esta japonezita entende o nosso idioma...?»

«—O *nosso*? repeti surpreendido.

«—Sim, homem de Deus! O *nosso*—porque eu tambem sou portuguez!

«—E'... és... portuguez!

«—Sou, sim! Mas responde...

«—Compreendo o portuguez, como se fosse portuguez...

«—Ótimo! Calculo que te interessa saber quem eu sou—mas maior interes e deves ter pelo resultado da missão que voluntariamente fui cumprir. Portanto deixemos para... a sobremeza as confidencias pessoais—e vamos imediatamente tratar do misterio de Ben-Hur...

«—Que noticias nos traz o senhor? interrompeu Kajita vencendo a sua timidez e não contendo a sua impaciancia.

«—Calma! E' preciso antes de mais nada que vocês me jurem ter confiança em mim; que vejam o que virem não acreditem nos vossos olhos mas sim na minha palavra...»

Entreolhamo-nos atontados; mas ante a insistencia do «Mosqueteiro do Ar» obedecemos-lhe. Ele continuou:

«—Pois bem. E' preciso, repito que vocês acreditem nesta verdade que eu proclamo: *ela não mor-*

reu!

«—Se a primeira era falsa, a segunda tambem o pode ser.»

ti o coração estalar-me de ventura.

«—Portanto se eu afirmo que ela não morreu—vejam vocês o que virem—não podem dar credito aos vossos olhos sem faltarem ao vosso juramento.»

«E ao mesmo tempo que falava ia desempacotando o embrulho. Era uma caixa rectangular, na espécie de cofre de madeira. Antes de o abrir, repetiu!

«—Vocês pensaram, bem?»

«A tampa foi levantada—e dois gritos de terror soaram, simultaneamente. Nem Kajita nem eu, ante tão horrivel visão, não tinhamos podido calar-nos, dentro da caixa, estava uma formosa cabeça morena, uma cabeça destroncada, guilhotinada, a cabeça de uma jovem de quinze a dezoito anos, dum beleza arabe estonteante—que nem a morte nem o horror da decapitação apoucavam...

Mas o que sobretudo nos golpeou a alma, naquele segundo inquisitorial—foi a gargalhada que o «Mosqueteiro» soltou...

«Perdoem-me! A vossa dôr não merece o meu riso! Mas eu exigi que me acreditassem e portanto *ela não morreu!*»

«—Se não morreu—como é que...? —indaguei numa exaltação colerica...

«—Espera!

«—E arrancando o pequeno martelo a um gongo que estava sobre a mēsa, ergueu-o num gesto agressivo sobre o cofre de madeira...

«—Que vais fazer! gritei tentando segura-lo...

«—Larga-me e espera!

Julguei ter enlouquecido! Logo ás primeiras marteladas a cabeça da linda noiva *estilhaçava-se, estilhaçar-se é o termo*

posto como uma ampola de cristal. E então tambem eu vi.

«A cabeça que o «Mosqueteiro» fora buscar ao Rif; arrancar ao cemiterio de Ben-Hur, arriscando a vida como tu, Gastão, nos contaste ao jantar—era... moldada em cêra! Porque? Que segredo se oculta por detraz dessa farça macabra? E' o que vos vou contar agora—juntamente com o segredo da minha dôr, da dôr que me levaria ao suicidio, se não fosse a intervenção do «Mosqueteiro do Ar»...

Continua

O caso Mundial-Plácido

(Continuação da pagina 9)

«—nos fácilmente a este raciocinio: «Se a primeira era falsa, a segunda tambem o pode ser.»

É o que o futuro nos dirá, a não ser que venham outras e outras tantas como os gafanhotos, que é praga que nunca mais acaba.

Quem perde com tudo isto?

A indústria seguradora, se a não livram da calistagem que sôbre ela choveu.

Este artigo vai longo e ainda o caso não entrou na sua fase melodramática.

Não se perde com a demora.—Reporter X considera este assunto digno da sua especial reportagem e, por isso mesmo, o analisa com vagar.

Não daremos trabalho a cobradores, como em anedocta conta a Revolução de 12 do corrente. Não. Aqui ninguém se vende. Registam-se casos e comentam-se a nosso belo prazer.

Não defendemos o Sr. Eduardo Plácido por calculo ou simpatia.

Eduardo Plácido é um acidente da questão, uma questão social que nos interessa ainda que a tenhamos topado numa montureira de invejas.

Avesso ao nosso modo de ser, representante de uma plutocracia que combatemos, de ideias conservadoras em que não comungamos. E. Plácido é nesta hora, um homem combatido por todos os que o elogiavam e, principalmente, por pessoas que ontem não tinham vintem e hoje ostentam luxo e vícios pelas ruas movimentadas da Capital ou pelos Casinos luxuosos das zonas de jôgo.

De que lado está a simpatia pública?

Evidentemente do lado de Eduardo Plácido, porque ele é a victima dos homens que ele próprio fez.

*

* * *

Já depois de composto este artigo publicaram os jornais a nota da Mundial, relativa ao caso do arrolamento dos bens da Mundial.

Verifica-se assim que a penhora foi levantada por a Mundial depositar a importância bastante para garantir o pleito que contra ela corre nos Tribunais e verifica-se tambem, que de facto houve motivo legal para penhora.

Isto, portanto, explica sufficientemente o nosso artigo. A Mundial questiona com os seus segurados e estes defendem-se segundo a lei.

É o direito de legitima defeza ainda que a Mundial, a titulo de reclame apregõe que tem cerca de mil contos em cofre...

E que temos nós com isso!?... Não tencionamos dar-lhe nenhum dos nossos seguros.—C.

17-Dezembro de 1932

**No coração
do Brasil**

Gafados e gafarias

(Continuação da página 11)

(Continuação da página 5)

assim tornava se dificultoso porque as próprias tribus de índios rareavam cada vez mais e o nosso optimismo era cada vez menor.

No primeiro dia efectuamos aproximadamente 15 milhas atravez dum ilimitado «campo» de vez em quando coberto de «oasis» de pequenos bosques.

Depressa os índios abandonaram todas as pretensões sobre conhecimentos topograficos, e prosseguiram cheios de apreensões, negando-se por vezes ir para a frente, até que; no dia seguinte,—desistiram de nos acompanhar. Priesteley estava sofrendo de um envenenamento de sangue, teve de voltar para traz com os índios.

De maneira que a nossa parte ficou reduzida a três pessoas.

Dependíamos absolutamente da agua que corria paralela ao nosso caminho por um afluente do Tarirapé, separando-nos por um densissimo bosque de juncos. Nós, os três, levavamos o maximo ás costas da equipagem que podiamos levar, quando precisavamos de agua, tinhamos que atravessar o juncal para a ribeira e vice versa, trabalho exaustivo e que nos demorava duas horas. Mas o maior mistério é que não sabiamos como se chamava aquele ribeiro e de onde vinha, e até quando o procuravamos não sabiamos mesmo se o encontraríamos.

Trez dias mais de marcha e acampamos na nascente da ribeira. Chegou a altura de não pudermos avançar mais. Os mantimentos estavam reduzidos a uma lata de «Quaker Oats» e como munições apenas 22 cartuchos em mau estado. Tinhaamos a convicção de estar muito perto das tribus indias dos Chavantes ou Jerumás, sabiamos pelas colunas de fumo que muito ao longe respondiam ás nossas fogueiras. Mas o factor mais verdadeiro, era o ruido continuo da T. S. F. de tan-tan que enchia o ar. Entre o ultimo acampamento e o lugar onde Fawcett encontrou a morte, mediava talvez umas 100 milhas para o desconhecido.

A continuação da nossa viagem tornava-se por isso impossivel.

(Continua)

prudentemente. O certo é que a última gafaria conhecida, que ficava nas proximidades de St. Ovidio na Beira Alta e onde apodreciam cento e tantos leprosos—foi despovoada durante uma só noite...

Rodaram anos; muitos; e se nos primeiros surgiram ainda vítimas de contágios ou heranças anteriores, alguns leprosos — o misterioso Purterlus—se encarregou de os fazer sumir da face da terra lusa—de fôrma a que a gafa passou a sêr apenas uma recordação horrivel um

usou a violência. Dêsse amor maldito nasceu um filho... Ora ao que parece, as chacinas que êle empreendera nas gafarias, tinham-no contagiado. A lepra não chegou a evidenciar-se, a exteriorisar-se berrantemente — porque a morte não o deixou... Mas o mal fôrã transmitido, pelo crime, ao filho que ficara. E segundo a lenda foi dêsse Tarquino de Murel que irradiou tôda a lepra que veio alastrar-se por Portugal atravez tantos séculos e que ainda hoje perdura.



A primeira gafaria de Madagascar

pesadêlo desfeito — mas sem perigo para os habitantes desta faixa peninsular. E dois séculos depois de Purterlus ter sido assassinado—firme a lenda que foi um leproso que escapara à chacina romana, e que, tendo saído dum covil o matou, suicidando-se junto ao cadáver da vitima — a lepra reaparece na Lusitania e desta vez com alastramento continuo, avassalador...

Eis como aquele famoso historiadador italiano explica esta fatalidade: Purterlus era um homem sem entranhas, egoista, insensivel, indifferente ás dores alheias, incapaz de hesitar ante os caminhos mais curtos que o levavam ao triunfo dos seus objectivos. Com a mesma crueldade com que despovoava (?)

as gafarias—saciava os seus instintos. Existia então uma familia lusa —os Tarquino de Murel—à qual pertencia uma jovem de extraordinária formosura e duma pureza diafana. Apeteceu ao sábio os encantos da virgem—e à falta de outros meios para a conquistar

Agora um detalhe que o historiadador italiano não cita—mas que posso fornecer aos leitores. Existe no norte de Portugal, na provincia do Douro—não direi aonde mas o Dr. A de M. poderá confirmar o que escrevo—uma familia de leprosos cujo apelido é Tarquino Mural (deformação de Murel) cujos membros, atravez tôdas as gerações ao alcance do meu conhecimento, teem succumbido, podres de gafa...

O sonho do crime de Purterlus, a maldição dos gafados que êle chacinou—podem durar assim, atravez tantos séculos, sem extinguir a fonte de origem da lepra em Portugal?

Deixo aos sábios a resposta... —Z...

Página — 15 —

Excelsior Café
A DELÍCIA DOS CAFÉS
Rua Sá da Bandeira—PORTO

CONCURSO DE FOOT-BALL

1.000 ESCUDOS DE PREMIOS A DISTRIBUIR PELOS CONCORRENTES

Condições: REPORTER X oferece semanalmente **MIL ESCUDOS** de prémios a todos que se habilitarem ao CONCURSO DE FOOT-BALL. Para isso é necessário preencher o talão impresso no REPORTER X, resposta ao questionário feito.

Há sempre premiados, visto que **MESMO NÃO ACERTANDO**, têm direito aos prémios os que se aproximarem do resultado e que REPORTER X, em carta lacrada, antecipadamente depositará na Agencia de Publicações.

Se houver mais de que um concorrente que acerte a solução, o prémio será dividido.

Havendo diferentes resultados apresentados, os mil escudos serão divididos desta maneira:

1.º Prémio	400\$	7.º prémio	40\$
2.º »	200\$	8.º »	40\$
3.º »	60\$	9.º »	40\$
4.º »	60\$	10.º »	20\$
5.º »	50\$	11.º »	20\$
6.º »	50\$	12.º »	20\$

Os goals não podem ir além de 5 e só podem ser metidos por jogadores que estejam em condições lógicas de jogo.

O concurso de hoje é relativo ao jogo Foot-ball Club do Porto—Sporting Club de Portugal.

A classificação dos resultados faz-se pelo somatório dos pontos obtidos.

Quer dizer:—O concorrente que acertar o resultado do jogo conta... pontos e por cada bola atribuída ao jogador tal ou tal, ... pontos.

Quem obtiver maior número é o 1.º classificado, seguindo os demais concorrentes que, por aproximação terão direito aos 11 prémios seguintes.

Como não há senão 1.000 Esc. a distribuir, os concorrentes que acertarem a solução distribuirão entre si o total dos **MIL ESCUDOS**.

Foot-ball Club do Porto

Siska
Avelino Martins Jeronimo
Souza Alvaro Pereira Castro
Lopes Carneiro Waldemar Carlos Mesquita Pinga Nunes

Sporting Club de Portugal

Dayson
Jurado Serrano
Varela Ruy Araujo Faustino
Mourão Rogerio Mourinhas A. Mendes Valadas

21.

Concurso de Foot-Ball do REPORTER X

Foot-Ball Club do Porto contra Sporting Club de Portugal

QUEM GANHOU

POR QUANTOS

Quem foi que meteu goals

Do Porto

De Lisboa

Nome

Morada